

HOMENS ENCOURADOS E ENCANTADOS PELO SEU TRABALHO: Memória e cotidiano dos vaqueiros de Salgadália (1950-1990)

Gessika Ramos Silvaⁱ

Resumo: A presente comunicação pretende expor alguns dos primeiros resultados das leituras bibliográficas e das fontes que já foram utilizadas durante a construção de um projeto de pesquisa, cujo objetivo é analisar o cotidiano dos vaqueiros de Salgadália (1950-1990), distrito do interior do estado da Bahia, a 240 Km de Salvador. Apesar da quantidade de vaqueiros ter diminuído neste distrito a cultura vaqueira é marca definidora na cultura popular salgadense. Os relatos orais produzidos pela memória são as fontes centrais para compreendermos o cotidiano e as práticas culturais realizadas pelos vaqueiros, entre elas, a participação dos mesmos na Festa do Padroeiro do distrito. Além disso, a música, a literatura de cordel, as toadas, os materiais audiovisuais servirão para identificarmos as representações que foram criadas sobre este grupo social ao longo do período estudado.

Palavras-chave: Salgadália, vaqueiros, memória.

A intenção inicial desta pesquisa era realizar um estudo sobre os trabalhadores rurais de Salgadália, no entanto, este tema era muito extenso e precisava ser feitos alguns recortes. Os vaqueiros, por sua vez, foi o grupo que mais me chamou atenção por diversos motivos, entre eles, a seguinte inquietação: Por que esses homens, mesmo os que não trabalham mais como vaqueiros são tão encantados por essa profissão? Além disso, percebe-se que o trabalho destes homens tem sofrido diversas rupturas, e isso nos impulsiona a discutir as permanências e mudanças no trabalho do vaqueiro salgadense. Ao compararmos o número de vaqueiros existentes em Salgadália hoje, com o número existente na segunda metade do século XX, percebemos que este grupo social tem diminuído bastante, esta pesquisa procurará analisar os motivos do desaparecimento desse grupo social.

No entanto, apesar da quantidade de vaqueiros ter diminuído não se pode afirmar que a cultura vaqueira tenha desaparecido deste distrito, a mesma está firmemente presente na festa do padroeiro, na produção artística e na produção cultural, ela é marca definidora na cultura popular salgadense.

Esta pesquisa irá dialogar com outros trabalhos que a partir da ótica da cultura e da memória elegeram o vaqueiro como objeto de análise. Entre eles, vale mencionar o artigo da historiadora Samara Silva, nele a autora faz uma análise da Festa do Vaqueiro que acontece em uma das noites do novenário da cidade de Brasileira no Piauí ⁱⁱ.

É sabido que, durante muito tempo a historiografia deu enfoque apenas aos grandes feitos e aos heróis, contudo, apenas o documento escrito era considerado fonte histórica. A partir do século XX os Annales e os novos marxismos ampliaram o conceito de fonte histórica, considerando, por exemplo, os relatos orais produzidos pela Memória como fonte.

Por conta disso, surge na historiografia uma nova abordagem: História Oral, esse novo campo, por sua vez, começará voz às pessoas comuns que durante muito tempo foram excluídas da História, por não estarem presentes nos documentos escritos oficiais, em suma, após a ampliação do conceito de fonte histórica, novos objetos de estudos entram em cena na escrita da História.

Segundo Aender Guimarães “a história oral permite atingir um sentido social, ao mergulhar nas experiências vividas de indivíduos sob diferentes circunstâncias e estabelecer uma ponte entre o singular/particular frente ao plural/comum”ⁱⁱⁱ. Vale dizer que a História oral não é algo simples, como Michael Pollak salienta a História Oral nos obriga a levar ainda mais sério a crítica às fontes^{iv}.

Por isso, Verena Alberti recomenda que o pesquisador ao utilizar o relato oral como fonte, deve ter bem claro, a maneira como irá realizar as entrevistas e qual será a sua finalidade posteriormente, portanto, segundo ela, é necessário familiarizar-se com as discussões acadêmicas em torno do tema e metodologia de História oral, para assim fazer um bom uso dos relatos durante a escrita da História^v.

Três gêneros distintos ganham fôlego a partir da revalorização da História Oral: Biografias, histórias de vida e autobiografias; darei prioridade as histórias de vida, afinal ela “é o relato do narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete”^{vi}.

As histórias de vida, neste caso, podem oferecer maiores possibilidades, uma vez que os relatos dos vaqueiros serão feitos a partir da imagem que cada um deles construiu sobre si ao longo do tempo. Além disso, farei uma relação entre a história individual e o contexto social no qual ele está inserido, no entanto, apesar de privilegiar as histórias de vida, analisarei também algumas biografias de vaqueiros que se encontram nos vídeos da Festa do Padroeiro.

Joana Medrado, por exemplo, a partir das narrativas folclóricas sobre o cotidiano de trabalho dos vaqueiros realizou um estudo, no qual analisou os valores veiculados através

destas narrativas^{vii}. A historiadora concluiu que essas narrativas influenciaram na conformação política das relações de trabalho entre fazendeiros e vaqueiros. Samara Silva, por sua vez, considera a Festa do Vaqueiro na cidade de Brasileira no Piauí uma prática religiosa e cultural que possibilita o reencontro familiar e a troca de experiências entre aqueles que participam da festa^{viii}.

A música nordestina e a literatura de cordel também serão fontes de suma importância para entender o presente tema de pesquisa. Segundo Yara Rios,

a relação entre História e Literatura tem possibilitado a construção de diálogos entre diversas áreas do conhecimento humano, permitindo a ampliação de estudos, questões e análises referentes a busca de especificidades da sociedade brasileira, (...) qualquer produção de um indivíduo reflete os valores da sociedade em que ele vive e também as aspirações e ideias que projetam para o futuro^{ix}.

Cabe, portanto, ao historiador buscar entender o tempo e o espaço em que determinada literatura foi produzida, para que isso facilite a análise de tal fonte.

Os cordéis e as músicas podem ser coletados em livros ou sites, a análise dessas fontes só serão iniciadas a partir da compreensão do tempo e do espaço em que elas foram construídas, será levado em consideração também a visão de mundo do autor. Segundo Joana Medrado quando mergulhamos no mundo das poesias populares e dos relatos sobre bois e vaqueiros temos a oportunidade de compreender melhor os valores que sustentavam as relações sociais e de trabalho na pecuária^x.

Essas características podem ser identificadas, por exemplo, nas músicas da dupla Edilson e Edmilson, cantores salgadenses que tem o vaqueiro como principal personagem de suas canções.

Os conceitos de memória, cotidiano, representação, identidade, tradição e muitos outros serão discutidos ao longo desta pesquisa. Para tanto, faz-se necessário, dialogar com autores que discutem algumas dessas temáticas e ao mesmo tempo cruzá-las com algumas fontes que já foram coletadas.

A Festa do Padroeiro de Salgadália representa para os vaqueiros desta região um lugar de memória, isso porque apesar dos festejos do padroeiro acontecerem todos os dias, somente durante a noite, no dia em que os homenageados da festa são os vaqueiros eles a iniciam logo pela manhã, em uma fazenda escolhida pela comissão organizadora e pelos vaqueiros. Sendo assim,

os lugares de memória promovem a cristalização da memória social; atestam a ruptura da memória social/grupal partilhada pelas vivências; manifestam o desvio da passagem no tempo pela tradição e pelo costume, representam o estoque material, o vestígio que a memória perdeu e poderá significar amanhã^{xi}

Na fazenda escolhida os vaqueiros se reúnem passam o dia inteiro fazendo homenagens uns para os outros, tocando berrante, cantando toadas e relatando histórias do seu cotidiano, depois saem em cavalgada para a Igreja São José Operário onde acontecem os festejos do padroeiro. O ambiente escolhido para os vaqueiros passarem o dia, as músicas que são ouvidas e cantadas, as roupas de couro, o berrante, os cavalos podem ser classificados como objetos de memória.

Podemos concluir que esses objetos ajudam os vaqueiros a compartilhar as experiências vividas, relembando hábitos, valores, e práticas da vida cotidiana, ajudam reacender emoções de diferentes naturezas, reconstruir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismo, de lutas. Pierre Nora, portanto, afirma que não existe memória espontânea e que a necessidade dos homens de alimentarem a história com resquícios do passado e de construírem e manterem os referidos lugares da memória traduzem a busca, pelo ser humano da identidade social^{xii}. Sendo assim, além de ser um lugar de memória este momento faz com que os vaqueiros preservem a identidade do grupo.

A partir dos vídeos da festa do padroeiro, nota-se que as experiências relatadas por cada vaqueiro são acontecimentos vividos por cada um deles, que aos poucos passam a ser vividos pelo grupo ou pela coletividade, ou seja, todos começam a pertencer ao mesmo grupo, a sentir por meio do relato do outro, que há algo ali que os une, seja pelo fato de cotidianamente realizarem ou terem realizados as mesmas atividades, seja pelas dificuldades em comum que eles encontram no exercício da profissão, ou de rememorar convivências e conflitos que eles tenham vivido ou presenciado, esse envolvimento entre memória coletiva e memória individual é o que Michel Pollak chamou dos acontecimentos “vividos por tabela”^{xiii}.

Essa concepção de memória coletiva relatada acima tem a sua origem a partir dos estudos e das discussões do sociólogo Maurice Halbbwachs para ele, “a memória coletiva evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência

peçoal”, segundo Halbbwachs apesar da memória coletiva envolver memória individual elas não se confundem ^{xiv}. Vejamos o que diz dois organizadores ao serem questionados sobre a atuação dos vaqueiros na organização da festa: “A comissão ela ajuda, mas juntamente com os vaqueiros”^{xv}, disse o Senhor Dango em poucas palavras.

No entanto, com uma entonação onde percebemos que a sua intenção é destacar a participação dos vaqueiros como algo que realmente acontece e que é significativa a Senhora Dalvinha acrescenta “Tendo o apoio dos vaqueiros e fazendeiros a gente não pode fazer só, porque não depende só da comissão, tem que ser unido, porque fazendeiros e vaqueiros são uma classe muito unida, né?” Ela deixou claro que os vaqueiros também contribuem financeiramente na organização da festa. Disse também: “A comunidade toda ajuda a fazer a festa, e nem só o pessoal da comunidade, amigos de outras cidades também colaboram em nossa festa”.

Os vaqueiros apontam durante os depoimentos que a roupa de couro, o ferrão, a careta, espora, taca, um bom cavalo são alguns instrumentos que eles não podiam ficar sem possuí-los. Nota-se, que havia uma relação de zelo para com esses instrumentos de trabalho especialmente, com os cavalos. São na verdade, também objetos de memória, pois são dotados de significados que representavam o próprio cotidiano dos vaqueiros.

O vaqueiro Totozinho em seu depoimento destaca o seguinte: “Há trinta, quarenta anos atrás era muito diferente de hoje, o vaquero naquele tempo o vaqueiro tinha quase vaqueiro que já dormia já vestido com a roupa de couro e hoje em dia a gente encronta uma boiada no caminho o vaqueiro anda com a roupa de pano e até boné e há quarenta ano atrás ninguém podia trabalhar assim porque não existia nem cerca na roça, tudo era mato, era caatinga, então não dá pra trabalhar como o vaqueiro trabalha hoje. E hoje o serviço do vaquero só usa chapéu de coró, só usa jaleque mesmo, quem gosta daquele daquela roupa hoje. Os vaqueros que tá existino hoje tem vergonha de usar uma roupa de coró, se eles vão para uma festa quer ir é com uma roupa social é com chapéu de baeta, tá entendendo? Ele quer um vaquero, como é que se chama? Num sei o que é: Luxoso. Num é como era antigamente.

Portanto, esse relato, sugere que o trabalho do vaqueiro salgadense tem sofrido rupturas. O fato, por exemplo, de alguns vaqueiros nos dias atuais não utilizarem a roupa de couro, o cavalo, e outros objetos, deixa os vaqueiros mais velhos insatisfeitos. Esse aspecto nos faz considerar que para eles, os objetos de trabalho são instrumentos contra a desfiguração

social dos mesmos. Mazuchi Ferreira afirma que os objetos de trabalho quando não são repassados a outras gerações, tais objetos perdem sua razão se desvinculados de seus possuidores. Os objetos, além de testemunhos do passado vivido, expressam trabalho, que manifesta dignidade^{xvi}. Os vaqueiros apontam também que a organização do território hoje tem facilitado o trabalho dos vaqueiros atualmente.

A partir dos depoimentos orais podemos perceber que a principal característica dos vaqueiros salgadenses é a solidariedade, não houve se quer um relato que não trouxesse esta perspectiva. Em entrevista realizada dia 06 de janeiro de 2010, o ex-vaqueiro Torquato de 81 anos fez o seguinte comentário, “a nação que mais sofre no mundo é vaquero. Mas, é unido nunca vai ao campo sozinho”.

A respeito desta solidariedade o vaqueiro Totozinho acrescenta “o vaquero é uma pessoa que sempre ele gosta de ajudar o outro, né? Sempre ele tem aquela atividade por que vê, o vaqueiro vai buscar um gado sozinho, pensando que ele resolve aquilo sozinho, aí o vaqueiro chega acha ele na luta o que é que ele deve fazer? Ele, às vezes, o trabalho que ele vai fazer é uma coisa que pode ficar pra parte da tarde que ele ia fazer di manhã e aí vai ajudar o colega e de tarde já aquele colega já vai ajudar ele fazer outro serviço de tarde, tá entedeno?

Todos os vaqueiros entrevistados, até o momento, demonstraram uma grande afinidade no zelo com o gado, eles salientaram que a profissão é repleta de desafios, inclusive alguns hoje, enfrentam doenças causadas pela profissão, porém, todos afirmaram gostar muito do que fazia. Três vaqueiros ao relatar sua história na lida com o gado e ao mencionar que por conta da idade já não podiam mais trabalhar com o que tanto gostavam choraram durante a entrevista. Percebe-se que a alegria ao falar do que eles viveram se manifesta no sorriso e no semblante dos mesmos, muitos deles afirmam que se pudessem voltariam para aquele tempo, mesmo que a vida fosse mais sofrida.

Mesmo diante das críticas os vaqueiros insistem em manter os festejos durante o dia e fazem questão que ele ocorra durante a festa do padroeiro e não concordam em mudá-lo para outra data, percebe-se que a festa nasce motivada pelo desejo de sociabilidade realimentando o trabalho de memória coletiva, num jogo de reciprocidade pertencente a um tempo cíclico.

O empenho tanto dos vaqueiros, quanto da comissão organizadora em defender a permanência da festa durante o dia talvez seja “para impedir que o consumo diuturno do esquecimento e da perda da identidade se constitua no signo maior da modernidade”^{xvii} além

disso, a Festa do Padroeiro pelo fato de movimentar e mudar o cotidiano do distrito torna-se momento ideal para os vaqueiros partilharem as suas vivências e memórias. No entanto, não se pode pensar a memória apenas como ato de recordar. Para Marieta Ferreira, a memória “é a construção do passado pautada por emoções e vivências; é flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades presentes”^{xviii}.

A memória nesta abordagem temática pode ser reconhecida como ferramenta para reconstrução de uma identidade, afinal, é isso que acontece durante a Festa do Padroeiro, quando os vaqueiros se reúnem para contar histórias, dar risada, chorar. Barros salienta que devemos pensar na Memória como “instância criativa, como uma forma de produção simbólica, como dimensão fundamental que institui identidades e com isto assegura a permanência de grupos”^{xix}.

Os vaqueiros que participam desta festa, assim como todo indivíduo constrói a sua memória individual, que acaba sendo partilhada com outros indivíduos. Sendo assim a memória da pessoa está impreterivelmente amarrada à memória do grupo. E a memória do grupo está amarrada à tradição, a memória coletiva de cada sociedade.

Nesta discussão sobre memória coletiva e individual Barros enfatiza,

o indivíduo que se empenha em reconstituir e reorganizar suas lembranças irá inevitavelmente recorrer às lembranças de outros, e não apenas olhar para dentro de si mesmo em conexão com um processo meramente fisiológico de reviver mentalmente fatos já vivenciados. Isso sem considerar o que é ainda mais importante: a memória individual requer como instrumental palavras e ideias, e ambas são produzidas no ambiente social. Dito de outra forma, se no caso da Memória Individual são os indivíduos que, em última instância, realizam o ato de lembrar, seriam os grupos sociais que determinariam o que será lembrado, e como será lembrado^{xx}.

Para Rios, “o não lembrado corresponderia ao lugar daquilo que não se diz que se faz questão de ser esquecido e excluído da construção de uma memória”^{xxi}. Os vaqueiros, assim como qualquer outro sujeito histórico ao ser entrevistado elege aquilo que quer falar e aquilo que ele pretende silenciar, isso pôde ser notado a partir do depoimento do ex-vaqueiro Pedro do Quijingue, no momento em que ele estava sendo entrevistado sua filha estava ao seu lado e relembrou um acidente que ele sofreu quando trabalhava como vaqueiro. Ele respondeu, rapidamente: “Eu tive um acidente, mas Deus me ajudou que fiquei são”.

Para que ele pudesse esclarecer melhor sobre o acidente, perguntei ao vaqueiro se ele tinha recebido assistência do seu patrão, o mesmo por alguns segundos manteve-se em silêncio, sua filha comentou que ele havia quebrado o braço. Após o comentário da sua filha,

o ex-vaqueiro continuou _ “Foi. Eu quebrei um braço, mas eles me ajudaro, não vou dizer que eles não me ajudaro, fui no médico uma vez”. Sua filha mais uma vez fez um comentário sobre o acidente, e ele retrucou: “E fim de papo. E saiu... graças a Deus. Mas sempre não vou falar mal deles. Todos eles me ajudaram”. Logo em seguida, mudou de assunto.

O “lembrar” e o “esquecer” podem está relacionado a diversas questões, no caso citado acima, o patrão deste senhor ainda está vivo, faz parte de uma família bastante conhecida na cidade e, provavelmente Sr. Pedro temia que ele soubesse o que havia dito e não gostasse, ou seja, ele que manter a imagem do patrão como uma pessoa boa, que esteve sempre disposto a ajudá-lo.

Podemos classificar esse relato de memória acima, o que Loiva Félix chamou de memórias reprimidas, para eles, elas são aquelas que,

situam-se nas “zonas de sombras” e de silêncios...Caracterizam-se, essencialmente, por serem a memória de alguns no grupo social, mas não a memória de todos, cuja possibilidade de manifestação traria sofrimentos maiores do que as próprias lembranças, razão pela qual vão se acumulando e ficando socialmente reprimidas. Podem ser vistas como uma opção do indivíduo ou grupo para evitar o sofrimento pessoal e social que o lembrar acarreta. (FELIX, 2002:34)

Pollakaponta que a memória ela é também seletiva, nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado^{xxii}. Assim, o esquecimento e a lembrança para Halbwachs são variáveis depende da noção de finalidade e interesse do grupo.

Percebi, durante as entrevistas feitas a algumas pessoas que organizam a concentração dos vaqueiros durante a festa do padroeiro, que elas demonstravam uma grande preocupação sobre as questões que iriam relatar: muitas vezes, pediram que parasse a gravação, por conta disso, naquele momento, muitas memórias foram silenciadas e muitas lembranças foram trazidas de maneira amena.

A Senhora Dalvinha ao ser questionada sobre a maneira com a Igreja (clero, as pastorais) viam a festa realizada pelos vaqueiros durante o dia, deu um curta pausa no seu discurso e depois respondeu que ambos apoiavam, em seguida, trouxe uma justificativa que, na verdade, não demonstrou de maneira nenhuma como se dá a relação entre as demais pastorais e os organizadores da festa, a sua justificativa nos faz analisar que o fruto social e emocional que o ato de lembrar pode trazer faz com que o depoente selecione aquilo que quer falar. O que foi dito pela senhora Dalvinha,diferenciou-se dos relatos que costumamos ouvir

de algumas pessoas sobre a festa, uma vez que, muitas delas, não concordam com a concentração que ocorre durante o dia como já foi esclarecido acima.

O fato de o número de vaqueiros ter diminuído bastante no distrito de Salgadália faz com que o próprio grupo sinta a necessidade de preservar a sua memória coletiva, afinal, como Barros salienta, “quando a memória viva de determinados processos e acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram começa a se tornar ainda mais necessário um movimento de registro destas memórias”^{xxiii}. Segundo Le Goff a memória coletiva é tanto uma conquista, como um instrumento e um objetivo de poder^{xxiv}.

A partir desses registros de memória podemos identificar o que mudou e o que permaneceu ao longo dos anos nas relações de trabalho entre vaqueiro e fazendeiro, no seu cotidiano, na lida com o gado e entre outros aspectos. A luta dos vaqueiros para se fazerem presentes na festa do padroeiro baseia-se no fato de eles lutarem pelo seu reconhecimento, pela manutenção de algumas tradições, afinal a

tradição é entendida como integridade e continuidade resiste ao contratempo da mudança, está ligada a memória, ao passado reconstruído, tendo o presente como base da (re) elaboração individual. A tradição é um processo ativo não só individual, mas fundamentalmente social e coletivo não simplesmente identificado com lembrança^{xxv}.

Sem dúvida, a pesquisa que pretendo realizar sobre os vaqueiros de Salgadália irá ajudar a demarcar memórias coletivas e individuais deste grupo social. Ela não será apenas um espaço de recordação, mas um espaço de produção de conhecimento, de análise, de discussões, tudo isso através do recurso de memória e das interpretações sobre as representações que foram sendo feita sobre o vaqueiro ao longo do recorte que será estudado. Dessa maneira, a história local também será resgatada a fim de valorizar o vivido, conservar, criticar e socializar formas do pensado passado.

ⁱ Graduanda em História pelo Centro Universitário Jorge Amado. Professora de História Fund. I. gessika_ramoshotmail.com.

ⁱⁱ SILVA, Samara. Festa do vaqueiro: práticas culturais e religiosas sertanejas nas cidades piauienses no século XXI. ANPUH, Fortaleza, 2009.

ⁱⁱⁱ GUIMARÃES, Aender. Do labirinto da História e da memória à História Oral. *História Agora*, 9, 2010.

-
- ^{iv}POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p 200-212.
- ^vALBERTI, Verena, História dentro da História. In: *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.
- ^{vi}PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*, 3, 2000, P. 117-27.
- ^{vii}MEDRADO, Joana. Boi encantado, vaqueiro ideado: um olhar sobre as tradições de resistência nas entrelinhas do folclore. *ANPUH*, Fortaleza, 2009.
- ^{viii}SILVA, op. cit., p.01.
- ^{ix}RIOS, Iara Nancy Araújo. Nossa Senhora da Conceição do Coité: poder e política no século XIX. Dissertação (Mestrado em História): Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- ^xMEDRADO, op.cit., p. 01.
- ^{xi}TEDESCO, João Carlos. Re (vi) vendo o ontem no tempo e no espaço "dos de hoje": fragmentos de memória de idosos. *Usos de memórias* (política, educação e identidade). Passo Fundo: UPF, 2002, p. 54.
- ^{xii}Apud DELGADO, Lucília. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, 3, 2000, P.109-16.
- ^{xiii}POLLAK, op. cit., p 200-212.
- ^{xiv}Apud TEDESCO, op. cit., p. 46.
- ^{xv}Todas as entrevistas aqui apresentadas foram realizadas entre os anos de 2010 e 2011. Sou grata a todos os salgadenses, em especial, aos vaqueiros que conversaram comigo sobre o seu cotidiano, suas festas, suas memórias.
- ^{xvi}Apud TEDESCO, op. cit., p. 52.
- ^{xvii}DELGADO, Lucília. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*, 3, 2000, P.109-16.
- ^{xviii}Apud DELGADO, Lucília. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*, 6, 2003, p. 9-25.
- ^{xix}BARROS, José d'Assunção. *História e memória- uma relação na confluência entre tempo e espaço. Mouseion*. vol. 3, n.5, p. 37-67, Jan- Jul/2009.
- ^{xx}Ibid., p.44.
- ^{xxi}RIOS, op. cit., p. 38.
- ^{xxii}POLLAK, op. cit., p. 200-212.
- ^{xxiii}BARROS, op. cit., p.53.
- ^{xxiv}FÉLIX, Loiva Otero. Política, memória e esquecimento. In: *Usos de memórias* (política, educação e identidade). Passo Fundo:UPF, 2002, p. 13-39.
- ^{xxv}TEDESCO, op. cit., p. 72.